

# O caso do jacto privado com os chineses Iam ver a aurora boreal à Islândia e vieram parar a Ponta Delgada

O avião privado com 11 passageiros e três tripulantes a bordo, alguns de nacionalidade chinesa (embora nenhum de Wuhan), que aterrou no Sábado em Ponta Delgada, saiu de Hong Kong no dia 25 de Janeiro - ou seja, há oito dias, ao contrário do que referia o primeiro comunicado do governo regional.

Segundo a primeira nota enviada à comunicação social pelas autoridades de saúde dos Açores, o grupo de turistas tinha saído de Hong Kong há mais de 15 dias, tendo passado também pelo Japão, Islândia, França e Haiti.

Não é isso que dizem os registos do avião.

Segundo os registos dos voos antes de chegar a Ponta Delgada - nomeadamente no site Flight Aware - o avião privado saiu a 25 de Janeiro de Hong Kong para Tóquio, de seguida foi para Le Bourget, em Paris, a 26 de Janeiro, de onde partiu para a Islândia, a 28 de Janeiro.

Da Islândia, onde não teve autorização para fazer descer os passageiros, foi para a República Dominicana, passou por Port-au-Prince, no Haiti, e de seguida para o aeroporto de João Paulo II em Ponta Delgada.

Os passageiros ficaram em Ponta Delgada, alojados num hotel local, com o plano de voo do avião a prever partida para França na segunda-feira de manhã.

Segundo a primeira nota da entidade regional de saúde à comunicação social, os passageiros estariam fora do período de contágio do coronavírus - entre 2 a 14 dias.

Dizia que "sendo o período de quarentena recomendado de 14 dias, não tinha havido necessidade de qualquer precaução especial", o que gerou logo muitas dúvidas públicas, porque não coincidia com a data de partida do avião.

Explicava que depois de a situação ter

sido avaliada pela autoridade de saúde concelhia e regional, todos os passageiros tinham sido observados de forma preventiva.

A Directora-geral de Saúde, Graça Freitas, confirmou a chegada deste voo e garantiu que foi feito o rastreamento dos cidadãos chineses, que não apresentaram sintomas.

Além disso, "não vêm da zona que é epicentro da doença", pelo que, defendeu, não se justificava qualquer medida de restrição de entrada dos passageiros em causa.

Esta viagem foi bastante atribulada, ainda antes de ter desembocado na polémica regional.

Depois de ter visto recusada a aterragem nas Bahamas, o seu destino original, e só ter sido autorizado a reabastecer na República Dominicana, devido às medidas restritivas impostas por vários países na sequência do actual surto de coronavírus que teve origem em Wuhan, na China.

Os passageiros, que pretendiam assistir à aurora boreal na Islândia, integrados num pacote turístico, já teriam sido impedidos de desembarcar na Islândia.

Apontando como novo destino as Bahamas, o avião viu a autorização de aterragem negada pelas autoridades locais, que fecharam as fronteiras a passageiros que tenham estado na China nos últimos 20 dias.

Das Bahamas, a aeronave seguiu para o Haiti, onde aterrou na capital, Port-au-Prince, mas nenhuma das pessoas a bordo foi autorizada a sair.

"Eles não podem desembarcar por todas as razões que sabem, a possibilidade de transmissão do coronavírus", segundo disse ao jornal The Miami Herald o director de operações no aeroporto de Toussaint Louverture, Ernst Renaud.



## A ficha de voo que causou polémica

Segundo um porta-voz do Governo haitiano, França e Portugal aceitaram receber o aparelho e os passageiros.

A escolha dos pilotos recaiu sobre Ponta Delgada, onde o avião aterrou no sábado.

Apesar de ser certo que nenhuma das pessoas a bordo é proveniente de Wuhan, nem teve qualquer contacto com pessoas suspeitas de infeção e nenhum apresenta qualquer sinal ou sintoma da doença, e que em Hong Kong não existem muitos casos da pandemia - o facto de não ter havido um controlo mais apertado provocou várias críticas.

Relembre-se que a Organização Mundial de Saúde, que já declarou emergência de saúde pública global por causa do surto de coronavírus, opõe-se a "todas as restrições de viagens".

Segundo o Director-geral da organização, o etíope Tedros Adhanom Ghebreyesus, as restrições à circulação de pessoas e

bens durante uma emergência de saúde pública internacional podem ser ineficazes, perturbar a distribuição de ajuda e ter "efeitos negativos" na economia dos países atingidos.

A China elevou no Domingo para 304 mortos e mais de 14 mil infectados o balanço do surto de pneumonia provocado por um novo coronavírus (2019-nCoV) detectado em Dezembro passado, em Wuhan, capital da província de Hubei.

Os EUA restringiram a entrada no seu território de estrangeiros que tenham visitado a China, abrindo excepções a familiares directos de cidadãos norte-americanos ou residentes permanentes.

Também a Austrália nega a entrada a estrangeiros que tenham vindo da China.

As Bahamas também proibiram qualquer pessoa que não viva na ilha, independentemente da nacionalidade, que tenha visitado a China nos últimos 20 dias de entrar.

Os residentes são sujeitos a quarentena.

## SATA desmente que tenham viajado para Lisboa

A Administração da SATA emitiu ontem uma nota a esclarecer que nenhum dos passageiros do referido jacto privado viajou na companhia regional para Lisboa.

O esclarecimento surge depois de uma notícia publicada numa plataforma digital e posta a circular nas redes sociais ter garantido que alguns dos passageiros tinham seguido o Domingo à noite para Lisboa num dos voos da SATA.

Todos os passageiros seguiram ontem para França no referido avião privado que se encontrava estacionado no aeroporto de Ponta Delgada.

# Turismo poderá ser afectado



A epidemia do coronavírus pode ter um maior impacto económico no turismo mundial que as epidemias precedentes em 2002-2003 e em 2009, já que a China é o maior fornecedor mundial de turistas.

O peso dos chineses nos fluxos turísticos triplicou nos últimos 10 anos e o governo chinês suspendeu as viagens organizadas e desaconselhou viagens ao estrangeiro aos seus cidadãos, fazendo com que o impacto da propagação do coronavírus no turismo mundial corra o risco de ser maior que os das epidemias precedentes do SRAS

em 2002-2003 e da gripe A em 2009.

A China continental, com cerca de 1,3 mil milhões de habitantes, é o primeiro fornecedor mundial de turistas, com quase 150 milhões de viagens ao estrangeiro em 2018, apesar de apenas 10% dos chineses terem passaporte.

Segundo os dados mais recentes da Organização Mundial de Turismo (OMT), em 2018 foram registadas 149,7 milhões de viagens ao estrangeiro de chineses, mais 15% que em 2017.

Em termos mundiais, em volume, os turistas chineses ultrapassam os alemães (108,5 milhões de viagens em 2018) e os norte-americanos (92,6 milhões).

Os chineses viajam sobretudo na região da Ásia (Hong Kong, Macau, Taiwan, Tailândia, Coreia do Sul, Japão, Vietname) e quando optam por viagens de longo curso, os destinos predilectos são a Europa, os Estados Unidos e a

Austrália.

A China é o país cujos cidadãos gastam mais quando estão a viajar, em 2012 ultrapassaram os dos Estados Unidos e da Alemanha, que tinham até agora os turistas mais despesistas, segundo a OMT.

Em 2018, os viajantes chineses desembolsaram 1.850 dólares por pessoa ou seja 277,3 mil milhões de dólares (cerca de 250,6 mil milhões de euros) em 2018, segundo a OMT.

O Conselho Mundial da Viagem e do Turismo (WTTC) recorda que o impacto económico a nível mundial da epidemia da gripe A (H1N1), que apareceu em 2009, foi estimado em 55 milhões de dólares (cerca de 49,7 milhões de euros).

Em relação à epidemia do SRAS (Síndrome Respiratória Aguda Severa) em 2002-2003, os danos foram avaliados em 30 a 50 mil milhões de dólares (27,1 a 45,2 mil milhões de euros).